

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE ARQUITETURA URBANISMO E DESIGN
CURSO DE GRADUAÇÃO EM DESIGN

Wylamyia Santos Silva de amorim



CONTRIBUIÇÕES DO DESIGN DE INTERIORES NA
QUALIDADE DE VIDA DOS USUÁRIOS EM HABITAÇÕES MÍNIMAS.

Uberlândia
2021

WYLAMYA SANTOS SILVA DE AMORIM

Contribuições do design de interiores na qualidade de vida dos usuários em habitações mínimas.

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Design da Universidade federal de Uberlândia, como parte dos requisitos para obtenção do título de designer

Orientador: Prof. Dr Juscelino Humberto C.M. Junior

Uberlândia

2021

SÚMÁRIO

1. Introdução	4
2. Objetivo geral	5
2.1 Objetivos específicos	5
3. Justificativa	6
4. História da casa: As transformações arquitetônicas e nos modos de morar	7
4.1 A Casa brasileira e as suas transformações ao longo dos anos	11
5. A influência da publicidade e do marketing sobre o mercado imobiliário e concepções de projetos arquitetônicos	14
6. Habitações mínimas: redução dimensional em moradias e os seus efeitos sobre o usuário	16
7. A importância da análise ergonômica na concepção de projeto de interiores em habitações mínimas	19
8. As alterações na dinâmica residencial impulsionadas pela tecnologia	20
9. As necessidades dos usuários nos espaços residenciais	21
10. Alterações nos arranjos familiares e o seu impacto nos modos de morar	22
11. A inadequação dos espaços residências para atender as diferentes atividades do usuário	24
12. O impacto da pandemia no bem-estar dentro do espaço doméstico	25
13. Apropriação das habitações através da individualidade do usuário	26
14. Concepção de projeto para uma habitação mínima	27
15. Considerações finais	30
16. Referências	32

1. Introdução

Este estudo tem por objetivo compreender como o design pode contribuir na qualidade do interior de um apartamento caracterizado como habitação mínima¹, proporcionando melhor qualidade de morar e conseqüentemente de vida e bem estar dos usuários, considerando aspectos funcionais, estéticos e simbólicos. Sendo assim, o projeto foi realizado considerando as inadequações dessas moradias e de como a intervenção do design pode contribuir para o bem-estar dos usuários.

Para entendimento dos atuais modos de morar como também para uma compreensão acerca da importância da casa no contexto atual da arquitetura brasileira, inicialmente, foi feito um breve estudo sobre a história da casa e como o homem se relacionava com esse espaço. Posteriormente, analisou-se o mercado imobiliário exerce forte influência no consumo e conseqüentemente na concepção dos projetos arquitetônicos de habitações mínimas e, na seqüência, estudou-se a relação da minimização das moradias e suas implicações na vida do usuário. Por fim, foi desenvolvido o projeto dos interiores para um apartamento objetivo prático deste estudo.

Devido ao fenômeno de adensamento urbano² é notória a minimização das habitações em todo o país, principalmente nas grandes cidades. Percebeu-se que o processo de redução dos espaços de morar frequentemente associado aos aspectos econômicos e urbanísticos mais que às necessidades reais dos seus usuários é o causador de problemas de usabilidade, resultando na insatisfação dos moradores. Tratando-se de usabilidade, deve-se considerar o grande impacto da introdução da tecnologia no espaço residencial, fato que causou uma verdadeira revolução nos modos de morar e nas atividades realizadas em seus ambientes internos.

As mudanças culturais são também um fator de grande influência nos modos de morar, principalmente ao se atentar na composição dos arranjos familiares da atualidade, que se diferenciam bastante do padrão convencional da família nuclear, que ainda hoje segue sendo o modelo base para a concepção das habitações mínimas. Portanto, percebe-se que a produção dessas moradias dificilmente irá atender as necessidades reais dos usuários, pois ainda se verifica a reprodução de projetos que não atendem aos requisitos culturais contemporâneos.

Ao observar o papel do marketing como influenciador social que contribui para o consumo de tais habitações como sinônimo de um ideal, mesmo com a redução dos espaços e a falta de atendimento das necessidades dos usuários, pode-se compreender a insatisfação dos moradores com suas residências e a

¹ FONSECA, N. (2011) define habitação mínima com habitação construída com base nas medidas mínimas admissíveis de habitabilidade, deve responder as necessidades mínimas do homem, partindo do princípio de que as necessidades do ser humano são igualmente padronizadas.

² O adensamento urbano é o fenômeno de concentração populacional e /ou concentração de edificações em determinadas áreas das cidades (ou nas cidades como um todo). Este fenômeno pode ser manejado pelo poder público usando-se as leis urbanísticas, em especial, o Plano Diretor

consequente dificuldade dos usuários de entenderem esse espaço como o lar, impossibilitando dessa maneira a apropriação do morador com a sua moradia.

O atual momento da pandemia Covid-19³ vivenciado em todo o mundo fez com que as pessoas obrigatoriamente passassem mais tempo em casa, nesse processo o bem estar dos usuários foi afetado, uma vez que foram percebidos problemas em suas moradias que antes não se atentavam, além da adequação de diversas atividades que antes não estavam presentes no ambiente doméstico.

Analisando esse cenário, pretende-se com esse trabalho de conclusão de curso, que o projeto de interiores desse apartamento seja um mediador do relacionamento morador e moradia, prevendo problemas e encontrando soluções que resolvam e/ou minimizem os impactos na vida dos usuários, além de favorecer o desenvolvimento afetivo e o sentimento de identificação para que os proprietários não só tenham suas necessidades funcionais atendidas como também estéticas, psicológicas e simbólicas.

2. Objetivo geral

Desenvolver o projeto de interiores de um apartamento considerado de produção padronizada e com dimensões reduzidas, ainda que não seja o menor tamanho de habitações, adequando seus espaços às necessidades ergonômicas, funcionais, subjetivas e estéticas do usuário. Dessa forma o design será o intermediador da relação usuário e espaço, responsável por corrigir ou minimizar problemas arquitetônicos que poderiam futuramente ser motivos de insatisfação dificultando a apropriação por parte dos moradores.

2.1 Objetivos específicos

- Compreender acerca da evolução dos espaços de moradia;
- Averiguar sobre influência do marketing e da propaganda no consumo e propagação de tipologias arquitetônicas ultrapassadas;
- Utilizar o design de interiores como meio para solucionar ou minimizar problemas arquitetônicos em habitações mínimas produzidas de forma massificada;
- Assimilar as necessidades e atividades que serão realizadas no espaço doméstico a ser projetado;
- Integrar o usuário (na medida do possível) na concepção do projeto para que ele possa intervir nas questões estéticas e funcionais da habitação, atendendo dessa forma as suas expectativas em relação ao morar;
- Experimentar a prática profissional de modo a atender a demanda por projeto de interiores para habitações mínimas;

³ A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca.

- Desenvolver por meio do projeto de design de interiores a relação e sentimento de apropriação entre morador e moradia.

3. Justificativa

Projetar espaços interiores é um processo complexo considerando-se que tal atividade reverbera na vida do usuário como no modo em que ele se relaciona com o seu espaço de moradia e no seu bem-estar físico e psicológico. Por esse motivo, entende-se que o designer de interiores possui a responsabilidade de compreender a produção imobiliária e as demandas que tem sido geradas diante este sistema, respondendo de maneira crítica e responsável.

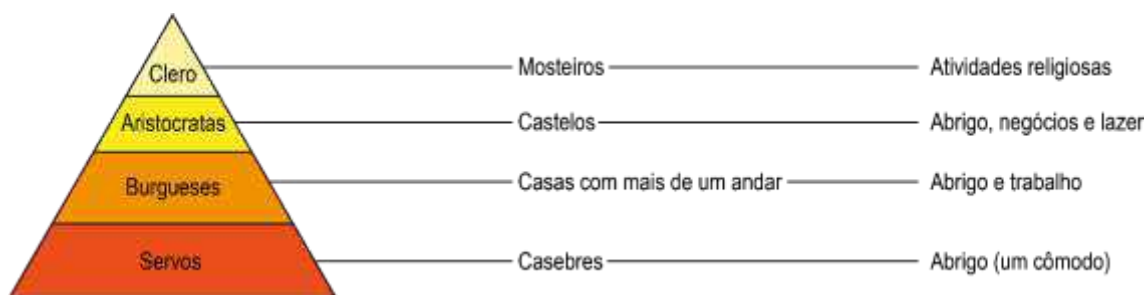
Tendo em mente essa responsabilidade social do designer de desenvolver projetos que melhorem a vida das pessoas, é importante o posicionamento dos profissionais da área frente a problemática na produção de habitações que não atendem as necessidades dos usuários, a fim de solucionar ou minimizar alguns dos problemas gerados ou minimamente reduzir os impactos que eles têm sobre a vida dos usuários.

O projeto de design de interiores frequentemente é compreendido pelo senso comum como um produto para atender as classes mais abastadas da população. No entanto, o objetivo ao se projetar interiores é melhorar a qualidade de vida de quem irá ocupar aqueles espaços, independente de qual classe irá atender. Contudo, focar o olhar para habitações que possuem problemas espaciais e subjetivos permitirá a oportunidade de atender uma demanda latente, considerando que essas moradias estão presentes por todo o país, possibilitando também uma desmistificação e uma possível conscientização da população em relação a esses serviços.

4. História da casa: As transformações arquitetônicas e dos modos de morar

Quando se fala em casa, rapidamente fazemos associação a um espaço físico, um elemento palpável, no entanto, ao pensar criticamente, o sentido de casa é expandido a questões simbólicas, emocionais e cognitivas. A busca do homem pela casa surge da necessidade por um abrigo, uma proteção em relação a agente externos, que foi refinada ao longo dos séculos, até chegarmos ao sentido atual de casa. Valéry (2011, p.148) define a casa como “um espaço dinâmico, em constante transformação, que passa por mudanças físicas, morfológicas, culturais e sociais notáveis, tendo em vista a recente evolução habitacional.”

Na Idade Média, as moradias se restringiam mais objetivamente a condição de abrigo, as condições eram péssimas ainda que nas melhores residências. A sociedade dessa época era rigidamente dividida em classes sociais e era possível perceber essa divisão refletida nas casas e nos seus modos de uso, sintetizados na figura a seguir:



Fonte: Autora

Figura 1
Pirâmide social na idade média

As casas na idade média eram edificadas muito propriamente ligadas a objetivos específicos, sendo o primário, abrigo e secundários como cozinhar, comer, entreter convidados, fazer negócios e dormir. A divisão dos ambientes não era tão bem estruturada, então mesmo nos grandes castelos dos aristocratas não possuíam necessariamente conforto, se associarmos ao sentido atual da palavra. Os espaços eram muito pouco pessoais, a mobília era mínima e fácil de ser movida, pois o espaço que durante o dia era utilizado para entretenimento dos convidados, durante a noite eram reorganizados com as camas para dormir.

Segundo Valery (2011), Ao final desse período e com o desenvolvimento das cidades mais, a construção das casas também passou por um processo de refinamento, no qual foram construídas casas maiores e mais sólidas, as necessidades de conforto receberam um pouco mais de atenção e assim lareiras e chaminés passaram a fazer parte da arquitetura das casas.

Os modos de comportamento também foram se modificando, na medida em que novas tecnologias na forma de construir eram sendo conhecidas. As

peessoas tinham cada vez mais necessidades específicas, as noções de privacidade foram tomando espaço na consciência social e assim surgiram os quartos. Nesse momento a casa da burguesia, que socialmente tinha se firmado e estava ganhando mais relevância social, possuía 4 ou 5 andares, sendo que alguns desses eram alugados ou cedidos.

Nesse processo, a casa não só estava ficando mais íntima, como também estava adquirindo uma atmosfera especial. Tornou-se um lugar feminino ou, pelo menos, um lugar sob controle feminino, palpável e real, ocasionando não somente a imposição de regras e de limpeza, mas também introduzindo algo que não existia antes: a domesticidade, enquanto conjunto de emoções sentidas (na família, na intimidade, na devoção ao lar e a criação da prole) e não um único atributo. (VALÉRY, 2011, p. 153)

Com uma divisão de ambientes mais estruturada dentro da casa, outro ambiente que surgiu foi a cozinha, que anteriormente era centralizada dentro da casa, agora passava a ter um espaço separado para cozinhar. Isso também se deveu a necessidade de mais privacidade, sendo que houve uma separação clara entre os ambientes de donos e empregados. Nas famílias que tinham casas maiores e possuíam servos, ainda que a mulher coordenasse o funcionamento da casa, eram os servos que cozinham e por isso o surgimento da cozinha foi uma das consequências dessa separação: eram os donos e os servos.

A partir do momento em que a casa se tornou um ambiente mais privado e os cômodos obtiveram funções mais específicas e estruturadas, o desejo por mobiliários surgiu, pois agora não havia mais a necessidade de uma flexibilidade tão grande quanto a organização dos mobiliários e também era um ambiente mais pessoal, principalmente feminino, que se atentava a essas necessidades e detalhes, como diversos tipos de adornos.

Outra mudança relevante no século XVII foram as relações familiares. A separação entre servos e donos nas residências propiciou uma relação de mais intimidade entre a família, assim os pais e filhos tiveram uma melhora nos relacionamentos e a sociedade europeia passou a valorizar a casa de família. Ela era um reflexo da importância que a sociedade europeia começava a dar à criança e à família (ARIÈS, 1981), ou seja, a família nuclear, sendo esta norteadora dos padrões para a construção das casas.

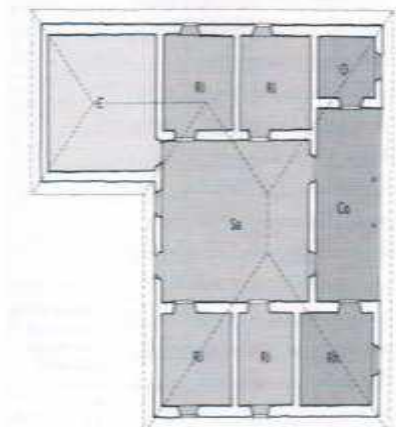
O enraizamento do conceito de família nuclear na sociedade influenciou diretamente na forma como a casa era conduzida, se aproximando mais da casa no seu sentido simbólico. A casa passou a ser um ambiente predominantemente feminino, era responsabilidade social da mulher cuidar da casa e dos filhos, enquanto o marido cuidava dos trabalhos externos. Dessa forma, a residência era um ambiente que tinha perspectivas diferentes para o homem e para a mulher, enquanto que para os homens era um lugar de descanso, onde ele se desligava das obrigações diárias, para a mulher era seu lugar de obrigação e trabalho, onde deveria assegurar a ordem e o bom funcionamento. É neste momento em que a casa deixa de ser apenas uma construção para atender necessidades físicas como abrigo e descanso e passa a ter uma percepção mais simbólica, de lar, um lugar carregado de emoções e intimidade familiar.

A partir do século XVII, tendo em vista as raras oportunidades dos pais para ficarem a sós com seus filhos, houve mudanças nos hábitos familiares: foi nas moradias burguesas, modestas, que a vida familiar começou a tomar uma acentuada dimensão privada. O surgimento do conceito de intimidade na casa foi consequência de mudança nas relações familiares, no tamanho da família, com a valorização da presença das crianças e a possibilidade de observar seu crescimento. (VALERY, 2011, p. 152)

No século XVIII as noções dos indivíduos passaram a ser cada vez mais valorizadas, não apenas a intimidade da família, com isso a estruturação da casa foi sendo mais refinada, e os cômodos foram cada vez mais separados, para que cada indivíduo pudesse ter o seu espaço, isso se deu em consequência da busca por mais conforto. Além disso, dentro das residências foram se consolidando regras de convivência, que norteavam como deveriam ser os comportamentos dentro da casa, tanto dos moradores como dos convidados.

Uma das grandes inovações no século XVIII que ocasionou profundas mudanças nos modos de morar foi a introdução da iluminação nas residências. A dinâmica de uso foi alterada, uma vez que agora atividades como leitura e receber visitas durante a noite passou a ser possível, ou seja, as atividades individuais, privadas e sociais foram alteradas em decorrência dessa inovação tecnológica.

Posteriormente à integração da energia a gás nas residências, a implantação de novas tecnologias começou a ser acelerada, no século XIX, as casas eram construídas de forma que propiciasse mais conforto e fosse mais funcional, especialmente para as mulheres, que desempenhavam muitas atividades em casa. As residências eram construídas com janelas maiores, para que pudesse haver uma melhor iluminação e ventilação interna.



Co – Corredor ou alpendre de distribuição ou de permanência temporária de estranhos

Rh – Repouso ou dormitório de hóspedes

O – Oratório ou capela particular

Sa – Sala, também chamada de varanda

Ri – Repouso ou dormitório ou cômodos da família

C – Cozinha

Fonte: Lemos, C, 1999, p.48

Figura 2
Sítio do Calu, Embu [SP; planta]

Em 1877, com o surgimento da eletricidade, as atividades domésticas passaram por grandes mudanças na sua dinâmica. O surgimento de equipamentos domésticos como aspiradores de pó, ventiladores portáteis, máquinas de lavar roupa, abajur e lâmpadas fizeram com que atividades antes executadas exclusivamente pelas mulheres pudessem ser automatizadas, assim as mulheres passaram a ter mais conforto e economizar tempo na realização das atividades da casa.

No século XX, as residências já contavam com uma estruturação bem definida na divisão dos cômodos, a concepção de que a casa era um ambiente privado e familiar e a inserção da tecnologia contribuindo para a realização das atividades domésticas. Nesse período não houveram grandes alterações nos modos de morar como pode ser notada nos períodos anteriores. No entanto, havia a problemática quanto aos mobiliários que eram desenhados para casas muito grandes e nesse momento as residências já começavam a ter as suas medidas reduzidas, seja pela composição familiar ou pela reorganização dos cômodos, que agora mais bem planejados não eram tão imensos como em períodos anteriores.

Dos anos 1920 a 1970, as mudanças nos modos de morar se concentraram especialmente na decoração dos interiores, nos gostos populares, houve uma busca pelo minimalismo, uma tentativa de abolir todas as extravagâncias de ornamentações que vinham sendo carregadas desde os períodos anteriores. Outro fator que influenciou nessas mudanças foram os baixos orçamentos disponíveis para decoração devido a crises econômicas que ocorreram no início do século XX.

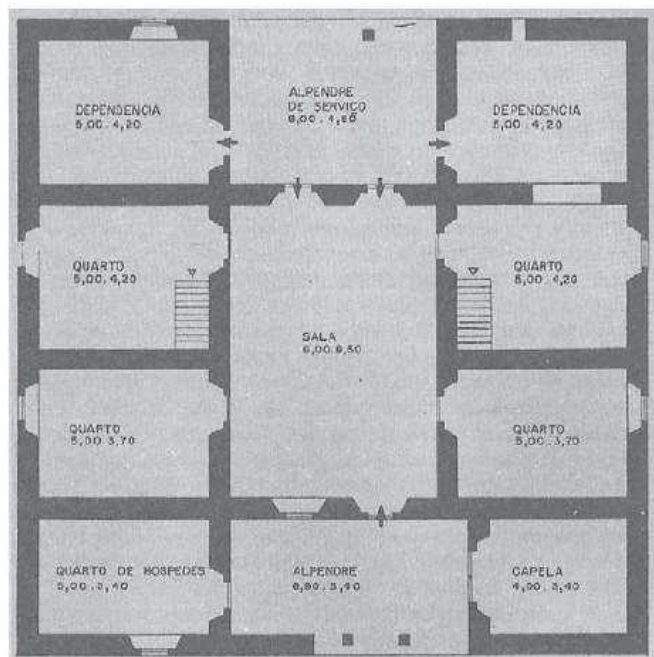
A própria noção de decoração do espaço doméstico foi atacada, já que, com as crises econômicas da primeira parte do século XX, “o estilo sem o glamour do cubo de estoque se adequava bem à sobriedade pós-depressão” (RYBCZYNSKI, 2002)

Ainda no século XX houve uma democratização do conforto, que antes era restrito aos mais abastados, devido a industrialização, a produção em massa, os produtos se tornaram acessíveis para uma maior parcela da população e com isso a tecnologia foi entrando para dentro das casas. A introdução de eletrodomésticos nas residências fez com que os serviços de casa se tornassem mais automatizado, como dito anteriormente, e dessa forma as mulheres tivessem mais tempo para gastarem com seus próprios desejos, não apenas a mulher de família que cuidava da casa, daí veio a busca por emancipação feminina e a inserção das mulheres no mercado de trabalho.

Desde o século XVII, o papel das mulheres em definir as noções de conforto, privacidade e domesticidade foi preeminente. A noção de eficiência no trabalho doméstico também, alimentado por questões de praticidade e de status e, na segunda metade do século XX, pelo desejo das mulheres de entrar no mercado de trabalho e seguir carreira, o que redundou em transformações do espaço doméstico para adaptá-lo às novas demandas. (VALÉRY, 2011, p.155)

4.1 Casa brasileira e as suas transformações ao longo dos anos.

A casa brasileira em suas origens passou por diferentes influências, pois devido a colonização muitas culturas diferentes estavam presentes no Brasil, a dos indígenas, africana, indiana e principalmente ibérica, que exercia uma influência imposta no país. Embora houvesse extrema riqueza de recursos naturais no Brasil, a mão de obra era escassa no sentido de qualidade, pois quem executava os serviços construtivos eram os escravos e servos, que tinham uma cultura diferente dos europeus que buscavam basicamente repetir os modos construtivos da Europa, desconsiderando inclusive aspectos climáticos, por isso a arquitetura das casas em todo o território nacional era exatamente igual.



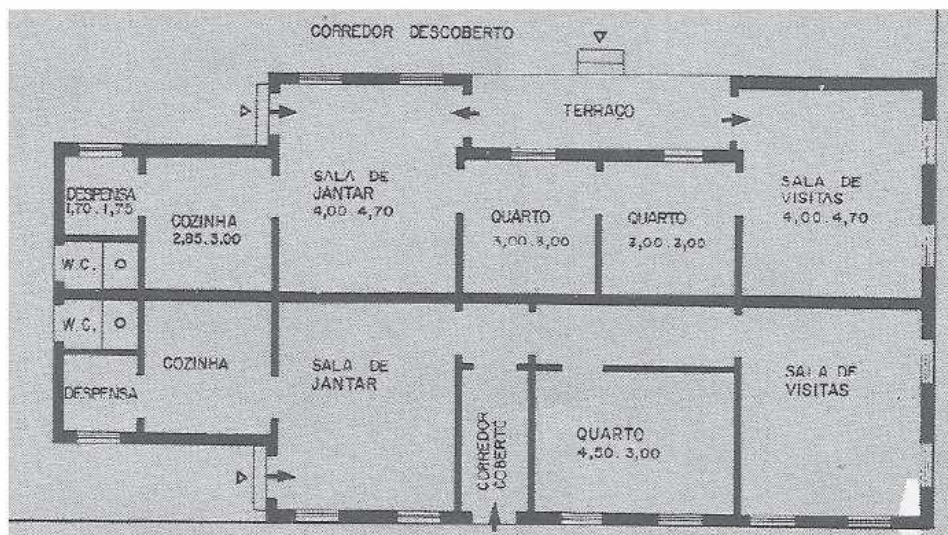
Fonte: Lemos, 1996.

Figura 3
Exemplo de casa de campo Brasil colônia

Analisando-se a planta destacam-se alguns pontos como por exemplo a capela, que fazia parte das casas justamente por influências culturais. O acesso aos quartos obrigava a passagem pela sala que ficava centralizada na residência e o seu acesso era feito pelos alpendres, estes que eram um elemento incluído na arquitetura das casas devido as condições climáticas do Brasil, pois servia como proteção do sol. As janelas eram muito pequenas, em relação ao tamanho da residência e aos seus acessos, por isso a entrada de luz natural era muito baixa e os ambientes eram escuros e abafados. O quarto de hóspedes que é algo que perdura até os costumes sociais contemporâneos veio desse período, onde as casas eram muito longes umas das outras, então quando se recebia visitas em casa, elas sempre passavam a noite, ou alguns dias. Outro ponto que se pode observar é a ausência da cozinha no corpo principal da construção, não havia uma comunicação entre a cozinha e os outros ambientes da casa, como por exemplo as salas e quartos.

De acordo com Valéry (2011) Aos poucos as noções construtivas a respeito da casa no Brasil foram se refinando e os moradores foram repensando as configurações das residências, assim as lareiras e chaminés deixaram de fazer parte dos desenhos arquitetônicos, pois devido ao clima brasileiro elas raramente eram utilizadas. As casas mais ricas em alguns casos possuíam até duas cozinhas, uma para cozimentos mais demorados e lavar as louças e outra dentro da casa.

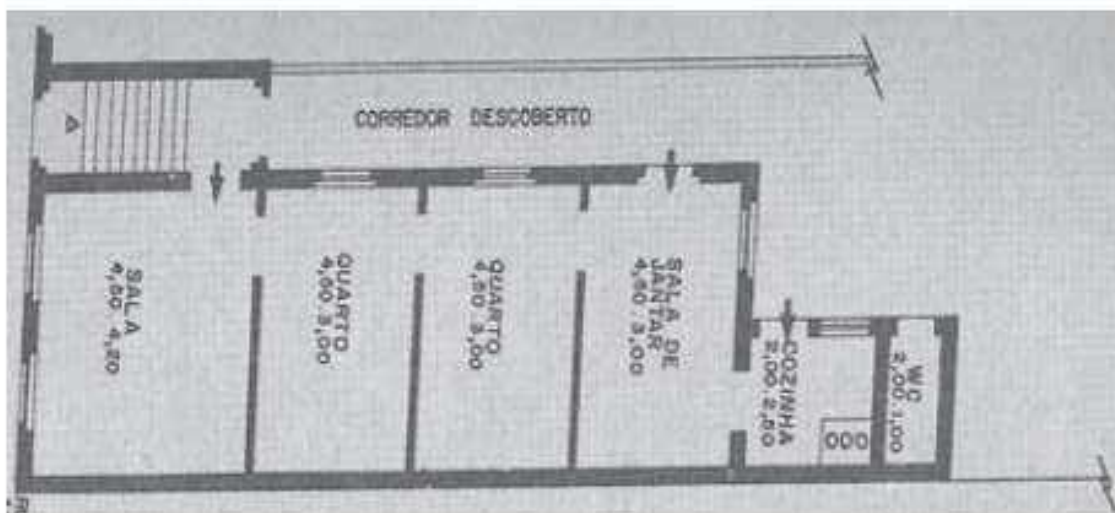
Assim como nas sociedades europeias, o Brasil contava com uma rígida divisão de classes sociais, que também refletia na arquitetura das residências e nos modos de morar, sendo que haviam as casas grandes e as menores em que se mantinha a cozinha dentro da casa. Segundo Lemos (1996), foi desses dois modelos extremos de residência que surgiram as dezenas de variantes que foram assinaladas na história da casa brasileira. Essas casas possuíam uma divisão bem definida quanto as áreas da casa e sua finalidade, sendo estar, repouso e área de serviços, a sala onde as visitas tinham acesso era completamente afastada da sala de jantar, que era um ambiente de acesso da família.



Fonte: Lemos, 1996.

Figura 4
Exemplo de casa geminada, com cozinha incorporada

No período colonial, as casas populares urbanas eram padronizadas em todo o território nacional, uma planta formulada baseada nos moldes da família nuclear, e de acordo com a classe social, seguindo o modelo de casas humildes definido por Lemos (1996). Essas casas tinham seus cômodos enfileirados, geralmente o primeiro cômodo era a sala, e então um corredor que dava acesso aos quartos e no fundo da casa se encontrava a cozinha, varanda e as instalações sanitárias.



Fonte: Lemos, 1996.

Figura 5
Casa com cômodos enfileirados

As casas ricas geralmente eram sobrados, dos comerciantes mais abastados.

As casas ricas do tempo de colônia, quase sempre de comerciantes abastados eram, na sua maioria, casas assobradadas. Às vezes, sobrados enormes, porque naquele período as diferenças entre moradias eram quantitativas e não qualitativas. (VALÉRY, 2011, p.160).

Ainda conforme Lemos (1996), um marco importante na história da arquitetura das residências brasileiras foi a chegada da família real no Brasil no século XIX. Juntos com a família real portuguesa vieram arquitetos, mestres de obras, importação de materiais e mudanças nos hábitos das pessoas em seus modos de morar.

Com a chegada dos arquitetos no Brasil e novos modos construtivos, as casas para serem consideradas bem planejadas precisavam contar com a independência entre as três zonas, estar, repouso e serviço. A conversa entre a sala de jantar e cozinha também foi uma das mudanças que houve nesse período e para corrigir o problema de ambientes escuros e mal iluminados, começaram a aumentar o número das janelas pela casa, que agora contavam com vidros na sua estrutura. Outra tecnologia trazida pelos imigrantes foi a instalação de calhas e condutores de água, Valéry (2011) destaca que a água encanada, por sua vez, provocou no planejamento das casas a vizinhança forçada entre a cozinha e as instalações sanitárias.

Nesse mesmo período Valéry chama atenção para o surgimento de problemas em relação a falta de moradia popular em São Paulo, o que então culminou no surgimento dos cortiços. Valéry (2011) descreve essas moradias com a existência de duas fileiras de cômodos separadas por uma estreita passagem central e apresentando no fundo dois ou três vasos sanitários ao lado da mesma quantidade de tanques de lavar roupas para uso comunitário. “Essas casas não eram adequadas a lei, no entanto foram toleradas, mas não ignorando a necessidade da construção de casas operárias.”

Lemos (1996) considera que a primeira Guerra Mundial foi um marco para a mudança na arquitetura da casa brasileira. Nas décadas de 20 e 30 a casa neocolonial passou a ser o estilo de construções residenciais, sendo este vindo de inspirações francesas, esse modo de elaboração das casas regia desde a composição da planta até a circulação e zoneamento. Em 1923 com a introdução do rádio nas residências brasileiras e em 1950 da televisão, houveram mudanças ainda mais significativas nos hábitos dos brasileiros e na forma de concepção dos espaços residências.

A televisão foi responsável pelas fundamentais alterações na vida íntima das famílias, com marcantes reflexos na organização espacial, o que o rádio fora incapaz de efetuar. A televisão demandou acomodações apropriadas ao seu tempo, invadindo a sala de visitas e a transformando num espaço mais agregador, unindo a sala de jantar à sala de estar. Com ela, houve enormes mudanças no mobiliário, permitindo aos designers, decoradores e moveleiros novas concepções de projetos, agora tendo como principal tônica o conforto. (VALÉRY, 2011 p. 162).

A mecanização das casas impulsionou a emancipação feminina, que com a produção de alimentos caseiros e máquinas de costura foram conquistando espaço no mercado de trabalho. Valéry (2011, p. 162) aponta esse processo como um dos fatores que influenciaram a saída das mulheres do lar para terem maior presença nos espaços públicos.

Conforme o acelerado crescimento das cidades, os problemas de moradias iam se agravando cada vez mais, sendo este um conflito de interesses sociais e econômicos, dessa forma a sociedade na tentativa de solucionar tais problemas, passaram a surgir, também no Brasil, edifícios de apartamentos. Essa solução não foi desenvolvida baseada em aspectos culturais, costumes ou desejos dos moradores, talvez esse tenha sido um dos motivos para a demora em serem aceitos pelos moradores das grandes cidades como descreve Valéry (2011, p. 162).

Lemos (1996), separa em três fases a introdução desse novo modo de morar. A primeira fase é chamada por ele de pioneira, aconteceu por volta de 1925 até a segunda Guerra Mundial, essa fase se caracteriza como a de oposição, a qual a população de todas as classes não aceitava esse modo de morar, sendo a classe média a primeira a aceitar. A segunda fase ocorreu durante o armistício até meados de 1970, em que a classe alta passou aderir esse novo modo de morar, caracterizado por grandes apartamentos, fator que gerava a impressão que somente a classe média e alta poderia consumir esses imóveis para moradia. Por fim a terceira fase, que ocorreu dos anos 70 até a contemporaneidade, que foi quando a classe popular passou a aderir apartamentos para moradia.

5. A influência da publicidade e do marketing sobre o mercado imobiliário e concepções de projetos arquitetônicos

Diferentemente do que se percebe hoje, nem sempre os apartamentos foram bem aceitos ou objetos de desejo:

O edifício de apartamentos levou tempo para ser aceito pelos moradores das grandes cidades, até se transformar em mercadoria solucionadora da questão habitacional e hoje objeto de desejo da sociedade de consumo. (VALÉRY, 2011, p.162).

Ainda, a autora diz que a evolução dos apartamentos foi baseada na manipulação dos variados programas de necessidades, guiados pelo mercado imobiliário e processo de metropolização⁴ e não pelos aspectos culturais, costumes ou anseios dos usuários.

Na cultura brasileira é muito valorizada a aquisição da casa própria, considerada como um medidor de sucesso na vida, Mendonça e Villa (2015) descrevem que a sociedade avalia “como sinônimo de sucesso pessoal e profissional, estabilidade financeira e familiar, qualidade de vida, assim como de segurança.” Valéry (2011, p.163), afirma que “o modo de morar em apartamento tornou-se a nova regra e o novo sonho.”

Percebe-se então que o mercado imobiliário é muito mais responsável pelas alterações na concepção de habitações sociais do que as necessidades dos usuários que ocuparam tais espaços. Nascimento e Wall (2019, p.54), alegam que o mercado se vale de fatores como a insegurança gerada pelo ambiente urbano para convencer os clientes de que existe uma forma mais adequada para se morar, sendo essa a construída dentro dos muros dos condomínios criados por este mercado, ditando quais são as necessidades, o lazer e a forma de viver do usuário.

Este “comércio de nova cultura” resulta em uma extensão às formas de lazer cada vez mais realizadas nos ambientes monitorados e fechados, que obrigam os usuários a utilizá-los em uma relação de consumo. Este não é o estilo contemporâneo de viver, mas o modo mais rentável de controlar os gostos e hábitos de uma população. (NASCIMENTO E WALL 2019, p.54)

Esse processo é baseado em um marketing que transforma o produto oferecido pelo mercado imobiliário em necessidade para os usuários, “essa mercantilização implica em criar estratégias de produção do espaço como mercadoria a ser vendida. Ou simplesmente, estratégias de venda deste espaço mercadoria.” (NASCIMENTO E WALL 2019, p.61).

Outra ferramenta utilizada pelo mercado imobiliário para transformar os apartamentos oferecidos por ele em objetos de desejo dos consumidores são as áreas comuns dos condomínios, oferecendo um conjunto de vantagens e serviços como: extensa área de lazer, área verde, áreas de uso comum entregues equipadas e decoradas, piscina, campo de futebol, presença de espaço *teen*, de espaço VIP, de espaço gourmet. Além disso, as propagandas imobiliárias ressaltam itens ligados a conforto e segurança, com presença de guaritas e ruas calmas.

Diante de necessidades efetivas, constata-se a profusão de modismos e novos símbolos de *status* social que fica evidente numa verificação

⁴ Cerqueira, E. (2015) define o processo de metropolização configura padrões mais complexos de distribuição socioespacial que ultrapassam a lógica dualista centro-periferia, a partir da progressiva dispersão das classes médias e superiores às periferias metropolitanas.

dos equipamentos oferecidos nas propagandas de novos edifícios nos jornais dominicais, transformando serviços coletivos em vantagens exclusivas. (Vitruvius 2019 p.4).

Além das supostas inúmeras vantagens de ser um morador desses condomínios, o preço do metro quadrado é um dos principais pontos utilizado como forma de divulgação dessas habitações-mercadorias, sendo que este é um forte argumento na tomada de decisão ao se adquirir um imóvel. A varanda é um elemento da composição desses apartamentos que merece atenção especial, considerando que ela tem perdido seu aspecto funcional, sendo mais um acréscimo na metragem do apartamento e talvez apenas um espaço a se exibir para as visitas.

Na verdade, a varanda, concebida como espaço de transição entre o dentro e nova tendência entre os empreendimentos, esse espaço foi concebido para a recepção de amigos e apreciação de comes e bebes, servindo também para exibir o status do novo ocupante. Pois nada indica o desejo de ser usado por seus ocupantes: sua função é mais estética. permitindo ventilação e iluminação natural, e servindo acessoriamente como espaço ajardinado, está perdendo seu aspecto funcional. (VALÉRY, 2011, p. 170)

Diante disso percebe-se que o mercado imobiliário possui mais poder em relação a concepção de habitações de interesse social, do que as necessidades dos usuários, não apenas ditando o que será produzido, mas também utilizando-se de diversas estratégias para que os consumidores tenham essas moradias como seu objeto de desejo.

O marketing é uma ferramenta que pode contribuir positiva ou negativamente no comportamento da sociedade em relação ao seu consumo de moradias, sendo que atualmente esta tem sido utilizada de forma que prejudica o bem-estar dos usuários em suas habitações, um vez que os convence a comprar mercadorias das quais se sabe que não são adequadas aos desejos e necessidades dos clientes.

6. Habitações mínimas: redução dimensional em moradias e os seus efeitos na vida dos usuários.

De acordo com Lemos (1929) a partir de 1925 podemos perceber de modo mais evidente a verticalização das moradias no país. Inicialmente os apartamentos possuíam grande metragem quadra, como é destacado por Valéry (2011, p.63) acerca da terceira etapa do processo de verticalização das habitações definida por Lemos (1996), evidenciando que os apartamentos eram construídos focando nas classes alta e média. No entanto, atualmente percebe-se:

A minimização das dimensões em habitações verticalizadas, isso se dá por uma série de fatores, tais como: superestimação de imóveis, demanda por habitações, escassez de terreno nos centros urbanos, mudanças no perfil demográfico e mudanças de hábitos e cultura.” (MENDONÇA e VILA, 2018 p.247).

Segundo Mendonça e Villa, (2018, p.247) “o padrão mínimo não deve ser amparado somente por avaliações dimensionais e físicas relativas ao espaço e às atividades domésticas.” Boueri (1989) firma que os aspectos sociais e psicológicos devem ser considerados ao se definir quais são os padrões para uma moradia, pois estes influenciam sobre as “ações orgânicas do corpo” e sobre o bem estar do usuário.

A minimização dos apartamentos de forma irracional, ou seja, não planejada de forma flexível para que o futuro morador adeque o espaço às suas necessidades, é um dos agravantes para a usabilidade, pois isso acarreta em insatisfação por parte do usuário e conseqüentemente desgastes físicos e psicológicos. De acordo Com Hertz Berger (1996) para que os usuários tenham liberdade de interação com a construção a arquitetura precisa ser racional, e para isso é necessário que as habitações sejam desenvolvidas mais próximas aos usuários para atenderem verdadeiramente as necessidades dos moradores.

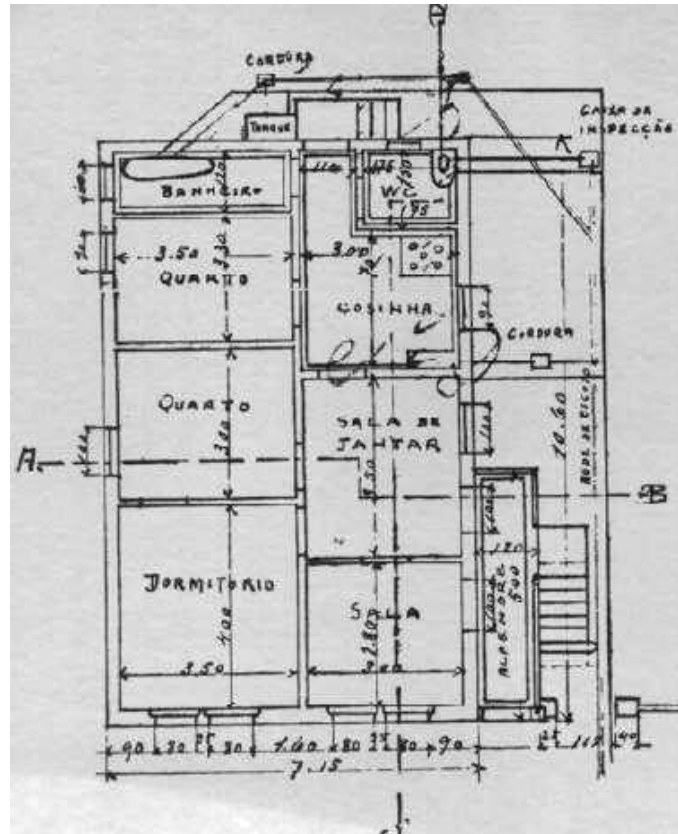
Folz (2008) alega que o modelo de produção habitacional atual é regulamentado por normas ultrapassadas, que não se adequam verdadeiramente as necessidades humanas. Além disso, como se pode perceber em diversos estudos, esses modelos de moradia estão espalhados por todo o país quase que de forma carimbada e assim como no período colonial, não considerando aspectos climáticos e variações culturais de cada região do país que tendo dimensões continentais apresenta ampla variedade cultural, climática e de hábitos.

Ao longo dos anos a sociedade tem passado por grandes mudanças nos hábitos, costumes e arranjos familiares, apesar disso, os modelos arquitetônicos herdados da belle époque⁵ se mantem. Nesse período as famílias eram tradicionais nucleares, diferente da atualidade que se encontram diversos arranjos familiares.

A evidência desse erro pode ser percebida pelo traçado da habitação que ainda mantém como forte característica a estanqueidade e a rigidez da tipologia tripartida, modelo este baseado nos remotos modos de viver da belle époque, diferenciando-se basicamente pela notória exiguidade de áreas (MENDONÇA E VILLA, 2018 p.245)

Nas imagens a seguir, sendo uma do ano de 1923 e outra de um apartamento comercializado pela Opção empreendimentos, com data para entrega dos apartamentos em dezembro de 2022 é possível perceber diferenças no formato da planta, que pode ter ocorrido por questões de circulação nos interiores da habitação, no entanto, a composição residencial pode ser considerada muito semelhante à de moradias concebidas cerca de 100 anos atrás.

⁵ A Belle Époque corresponde ao período entre o fim do século XIX e 1914, quando a Europa passou por um período de paz e conseguiu se desenvolver tecnologicamente.



Fonte: INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS, 1997, p.103.

Figura 6
Exemplo de casa na belle époque



Fonte: Site construtora Opção Empreendimento

Figura 7

Planta apartamento com lançamento previsto para dezembro de 2022

Dentre os pontos que tornam essas habitações semelhantes, destaca-se os ambientes que compõem essas moradias, sendo eles: salas, cozinha, quartos e banheiros, sabemos a importância desses ambientes nas residências, principalmente ao considerar aspectos culturais, no entanto, se pensarmos as necessidades dos usuários individualmente talvez essa não seja necessariamente a divisão em cômodos que se busca atualmente. Ao se considerar por exemplo o uso de lavanderias no condomínio, pessoas que geralmente não comem em casa, o trabalho no espaço doméstico gerando a necessidade de escritórios e a diminuição de casais com filhos que não necessitam ter mais de um quarto em suas residências.

7. A importância da análise ergonômica na concepção de projeto de interiores em habitações mínimas

A minimização das moradias é um fato cada vez mais evidente na atualidade, sendo assim os usuários se veem em habitações “cuja estanqueidade funcional dos cômodos conflita-se com a crescente demanda por privacidade dos membros do grupo doméstico” (TRAMONTANO E BENEVENTE, 2004). Portanto considerar os aspectos ergonômicos desde a concepção do projeto dos apartamentos se torna imprescindível. Segundo Costa e Villarouco (2016 p.4), “a ergonomia do ambiente pode ser tratada de forma preventiva quando é inserida já na fase projetual, conferindo ao projeto características desejáveis ao ambiente ergonomicamente adequado.”

É possível perceber que ambientes cada vez menores têm abrigado uma variedade maior de funções, de acordo com Almeida, (2009) e Ilda (2005), citados por Costa (2016), a análise ergonômica possibilita a verificação entre os componentes arquitetônicos e as atividades que neles serão realizadas, conhecendo assim fatores que resultaram em um projeto que proporcionará uma relação saudável entre as pessoas e o ambiente.

O fato é que atividades antes estranhas aos programas domésticos, como trabalho remunerado, ajudados ou não por equipamentos de transmissão de informação a distância, tem forçado a sua entrada em uma estrutura espacial antiga, concebida para um modo de vida que se baseia na assimetria dos papéis do modelo familiar nuclear, no qual o pai provedor buscava fora de casa o sustento material da família, enquanto a mãe encarregava-se do gerenciamento da esfera privada. (TRAMONTANO, 2003, p.13)

Segundo a teoria da dissonância cognitiva, citada por Mendonça e Villa (2018), “é psicologicamente desconfortável sustentar percepções conflitantes e incoerentes, e por isso, a pessoa é impulsionada a “substituir sua cognição, atitude ou comportamento”, minimizando dessa forma os desagradados e retomando o equilíbrio entre crenças e percepções. Ainda, as autoras concluem que os usuários buscando manter o equilíbrio psicológico se sustentando na na ideia da casa própria.

Costa (2016) também argumenta “que projetar ambientes adequados exige uma tomada de consciência dos comportamentos dos usuários e respostas para os locais de ação e condições físicas.” Portanto, é necessário

buscar ferramentas que auxiliem no desenvolvimento dessas soluções para as necessidades humanas, sendo uma delas o programa de necessidades.

seu objetivo é listar as condições do contexto onde um edifício irá operar em termos de requisitos funcionais. Trata-se da apresentação dos fatores de desempenho que se espera que a edificação cumpra e cujo objetivo principal é manter a integridade dos usuários e dos bens que abriga, ao corresponder aos seus anseios e expectativas de conforto e satisfação nesse mesmo espaço. O projeto de um edifício depende da correta observação desses requisitos, não só para cumprir metas, mas para estimular o seu uso nas mais variadas situações. (MOREIRA E KOWALTOWKI, 2009, p.33).

Contudo, conclui-se que considerar os aspectos ergonômicos desde a concepção de uma habitação é importante para promover o bem-estar dos seus usuários. É necessário que os projetistas tenham conhecimento e sensibilidade para conciliar as necessidades humanas as possibilidades construtivas disponíveis, dessa forma, a ergonomia se torna fundamental como ferramenta para o desenvolvimento desses projetos, desde a concepção do apartamento, até o projeto dos seus interiores.

8. As alterações na dinâmica residencial impulsionadas pela tecnologia

A inserção da tecnologia no século XVIII como gás e eletricidade no espaço residencial aconteceu de forma lenta inicialmente, mas ainda assim sempre teve grande impacto nos costumes e hábitos sociais. De acordo com Valéry (2011, p.153) o efeito dos interiores iluminados propiciou mais conforto e limpeza, além de tornar possível a realização de múltiplas atividades, compartilhadas entre parentes e amigos.

Segundo Valéry (1977) a introdução da tecnologia nos espaços residenciais foi acima de tudo uma conquista feminina. No início do século XIX de equipamentos eletrodomésticos nas habitações possibilitou a otimização do tempo das mulheres no desenvolvimento das tarefas domésticas o que contribuiu para a emancipação feminina. Por isso a mesma autora (2011, p.153) diz que a eletricidade entrou pela cozinha.

Outro grande marco que revolucionou os modos de morar foi a inclusão do rádio e televisão dentro das moradias.

A televisão demandou acomodações apropriadas ao seu tempo, invadindo a sala de visitas e a transformando num espaço mais agregador, unindo a sala de jantar à sala de estar. Com ela, houve enormes mudanças no mobiliário, permitindo aos designers, decoradores e moveleiros novas concepções de projetos, agora tendo como principal tônica o conforto.” (VALÉRY, 2011, p.161).

Posteriormente, em 1980, a introdução do computador nos espaços residenciais proporcionou novas mudanças nos hábitos dentro da casa. Segundo Rybczynski (1996) o computador trouxe a possibilidade de uma relação remota de trabalho, o trabalhar em casa. Diferente da televisão, o computador serve não somente para o lazer, mas também para o estudo e o trabalho. Se pelo menos inicialmente a televisão fez toda a família reunir-se na sala, o computador fez o inverso, geralmente ocupando espaço nos quartos ou

escritórios, os moradores tem seus laços enfraquecidos, uma vez que passam muito tempo em ambientes separados, conectados ao mundo virtual.

A virtualização da sociedade vem sendo evidenciada na medida que a dependência do avanço tecnológico se revela, de modo a enfraquecer os laços sociais. As pessoas utilizam cada vez mais frequentemente seus quartos como “núcleos autossuficientes” onde podem ter acesso a tudo que consideram essencial. O trabalho, o lazer e até a vida social foram virtualizados, e isso acaba fragilizando as relações e a comunicação social. (OLIVEIRA, 2016, p 7)

Uma forte mudança que aconteceu no espaço doméstico devido a entrada do computador nas moradias é a do “*home office*”, processo acelerado principalmente devido a pandemia do Covid-19³. Segundo Mendonça (2010, p.47), O Home office é o local de trabalho inserido no ambiente doméstico, permitindo com que as atividades do escritório sejam realizadas em casa. Tramontano e Benevente (2004) complementam acerca da reintrodução do trabalho em casa representa a separação funcional da sociedade industrial, alterando consequentemente os hábitos produtivos nos espaços domésticos.

Por fim, cabe destacar a popularização dos acessórios tecnológicos móveis como celulares, tabletes e notebooks que causaram uma verdadeira revolução nos modos de se relacionar. Pedroso e Bonfin (2017), esclarecem que o uso intensivo de tecnologias tem resultado em grandes mudanças no âmbito família, especialmente o exagero no uso das redes sociais.

Além dos efeitos nos relacionamentos gerados pelo uso de tecnologias no ambiente residencial, também pode-se perceber impactos na usabilidade desses espaços. O uso diário de aplicativos de *delivery* para realização das refeições reduz o uso da cozinha, segundo Tramontano e Benevente (2004), “cozinhar em casa parece tender a tornar-se uma atividade mais de convívio e de lazer e menos de serviço.”

Conclui-se então que a tecnologia é responsável por grande parte das mudanças na relação entre os moradores e o espaço residencial. Sendo importante tanto para atividades domésticas, de lazer, estudo ou trabalho e até mesmo para a alimentação. Assim, é importante ao iniciar um projeto, considerar o uso dessas tecnologias e suas instalações, pois, como vimos, elas se tornaram essenciais nas atividades domésticas.

9. As necessidades dos usuários nos espaços residenciais

A casa é o lugar onde o usuário possui maior liberdade para agir de acordo com as suas individualidades, ou seja, é o lugar onde se espera ter mais conforto, para que então esse espaço físico possa ser chamado de lar. Nesse sentido, os projetistas de habitações e de seus interiores são responsáveis pelo atendimento de inúmeras expectativas geradas pelos usuários.

Siqueira e Costa Filho (2015), destacam a importância da interação entre o usuário e a concepção do projeto para torná-lo apropriado atendendo as

necessidades físicas e ergonômicas e apropriáveis, as subjetivas e simbólicas. Para que seja estabelecida essa relação harmônica entre o indivíduo e o espaço é essencial que as necessidades funcionais sejam atendidas, a fim de evitar desconfortos que geram mal estar, físicos e psicológico. Outro aspecto importante para o atendimento das necessidades dos usuários é a identificação dos mesmos com a casa, portanto é importante que aspectos simbólicos e estéticos sejam considerados de forma equivalente aos funcionais.

Villarouco (2011) considera que é necessário que a arquitetura se preocupe com o seu usuário para entender quais são as suas necessidades e desejos espaciais, sem a busca da adequação do ambiente a função que ele desempenhará haverá fracasso no objetivo de atender as necessidades dos seus habitantes.

As necessidades funcionais dos usuários estão diretamente relacionadas com as exigências da tarefa, e para atender a essas demandas, os profissionais devem prioritariamente considerar: dimensão e forma do espaço, dos equipamentos e mobiliários; fluxos de circulação e disposição do mobiliário (*layout*); conforto térmico, lumínico e acústico. As necessidades formais ou estéticas dos usuários, por sua vez, estão diretamente ligadas às sensações provocadas pelo ambiente, relacionadas com as preferências ou os valores dos indivíduos, dependendo de sua história pessoal, de seu contexto sociocultural. (SIQUEIRA E COSTA FILHO, 2015,p.4)

Perante o exposto, é evidente que o usuário realmente esteja no centro do projeto para que se construa uma relação mais “orgânica” no planejamento espacial, considerando tanto as atividades realizadas naquele espaço a ser trabalhado quanto aos sentimentos almejados por ele.

10. Alterações nos arranjos familiares e o seu impacto nos modos de morar

É possível perceber atualmente uma crescente mudança nos arranjos familiares, tais transformações também refletem nos modos de morar, pois influenciam em quantas pessoas habitaram em uma residência, questões hierárquicas, entre outras. Considerando a ampla variedade de formatos familiares é importante que as habitações sejam o mais flexível possível para que atenda a diferentes tipos de usuários.

Verifica-se, atualmente, diversos arranjos familiares: (i) famílias *monoparentais* (somente uma pessoa cuida dos filhos, seja o pai ou a mãe); (ii) casais *DINC* (Duplo Ingresso e Nenhum Filho); (iii) *uniões livres* (sem casamento civil ou união estável), incluindo casais homossexuais ou transexuais; (iv) “*poliamor*”(grupos que se relacionam com mais de um parceiro, coabitando consensualmente, sem que haja monogamia); (v) grupos familiares coabitando *sem laços* conjugais ou de parentesco; (vi) as famílias *unipessoais*, formadas por pessoas morando sós; e a (vii) *família nuclear*, tradicional.(ARAUJO E VILLA, 2015 p.6)

Na contemporaneidade, o modelo patriarcal da família tem sido questionado, devido a perda do interesse pela “casa de família” conceito criado na Idade Média, e muito menos pela necessidade por procriação. O modelo de família tradicional entrou em crise por volta dos anos 70, essas alterações estão

presentes em ordem demográfica, social e cultural, sendo possível a verificação na diminuição da fecundidade, envelhecimento da população, maior longevidade de vida, mulher no mercado de trabalho e diminuição de casamentos

Os avanços da medicina propiciaram a separação entre sexualidade e reprodução, por um lado com a popularização dos métodos contraceptivos e de outro através das fertilizações in vitro, dessa forma separando a gravidez da relação sexual. Segundo o IBGE (2014), em 1970 a média de filhos por mulher era de 5,8 filhos, enquanto que atualmente esse número não é equivalente ao de reposição. Ou seja, as mudanças na medicina provocaram mudanças culturais e isso se refletiu na formação de arranjos diferentes familiares.

Casamentos tardios, maternidade após os 30 anos, redução do número de filhos, aumento da contracepção em idade precoce, socialização dos filhos transferida também para serviços públicos e privados, aumento da união estável, aumento significativo das famílias monoparentais (chefiadas por pai ou mãe), aumento de famílias recompostas (separação/divórcios), aumento da população mais velha, aumento de pessoas que vivem só [sic], união de homossexuais e acolhimento de agregados são outros fatores sócio-históricos que acabam por influenciar na constituição dessas novas configurações familiares e quebram a concepção tradicional de família. (Pereira et. al, 2012, p. 9).

Outro fator de mudança cultural na sociedade atual, de acordo com Araujo e Villa (2015,p.5), é o papel da mulher dentro da casa, que também reforça o declínio da família patriarcal, “seja pela troca de papéis com o homem – que assume essa chefia tradicionalmente em uma família formada de uma união, seja na atitude feminina de construir uma família sem a presença masculina do parceiro.” (VILLA, 2012, p. 8).

Embora tenha surgido uma ampla variedade nos arranjos familiares, ainda existe o predomínio da família nuclear tradicional nas habitações de interesse sociais, no entanto, Tramotono e Benevente (2004) alegam que, embora ainda se mantenha esse padrão estrutural de família tradicional, o seu funcionamento não é mais o mesmo, pois a preocupação dos pais está mais concentrada no sucesso profissional dos filhos do que na obediência absoluta.

Ainda dominante nas estatísticas, esta família [nuclear] renovada começava, no entanto, a passar por transformações que levaram a uma maior autonomia de seus membros, e ao declínio da autoridade dos pais.” Isso se deve, entre vários fatores, ao fato de os filhos permanecerem mais tempo na casa dos pais devido aos casamentos tardios, aumentando, portanto, sua autonomia e participação no incremento da renda familiar; esse fato pode ser verificado pelo aumento da “geração canguru (ARAUJO E VILLA, 2015, p.6).

Nas últimas décadas a família brasileira passou por grandes mudanças, seja no seu arranjo ou no seu funcionamento, ainda que seguindo um modelo tradicional, porém não se vê essas alterações refletidas na arquitetura das habitações. Complementando Araujo (2015) afirma que as habitações de interesse social brasileira são ultrapassadas por seguirem padrões de habitações do século passado.

A concepção de espaços domésticos, no Brasil de hoje tem sido fortemente enviesada por princípios enunciados pelo movimento moderno europeu da primeira metade do século XX, os quais disseminados mundialmente, acabaram inibindo até pela extrema conveniência da fórmula da habitação-tipo⁶, qualquer questionamento sobre o assunto. (TRAMOTONO E BENEVENTE, 2004, p.2)

Para atender as necessidades reais dos usuários dessas moradias é necessário que se considerem as mudanças culturais, sociais e familiares. “É imprescindível que a arquitetura habitacional, seja inclusiva, de maneira que atenda às diferentes necessidades de arranjos familiares diversos.” (ARAUJO E VILLA, 2015 p.2). Montaner (2006, p. 178) também alega que a arquitetura não pode continuar sendo a mesma convencional e comercial, mas que deveria atender as modificações que a ela tem sido demandada. O autor (2006) ainda sugere algumas mudanças que precisam ser pensadas para os espaços residenciais:

A primeira regra de flexibilidade, conforme o autor, é a existência de espaços com a mínima hierarquia possível, de tamanhos semelhantes, mas de maneira que cada grupo possa apropriar-se do espaço de maneira diferente. Além disso, é necessário que o projeto habitacional seja pensado de modo que o *layout* dos móveis possa ter diversas variações, atendendo às demandas dos diferentes perfis. (Montaner et. al, 2006).

Por fim, Araujo e Villa (2015) ressaltam a importância da participação do usuário desde a concepção do projeto até a pós ocupação, para que assim as necessidades reais das famílias sejam atendidas dentro das moradias por elas adquiridas.

11.A inadequação dos espaços residências para atender as diferentes atividades do usuário

Tramontano e benevente (2004) apontam como um dos indicadores de que os padrões das habitações de interesse social precisam ser revistos é a quantidade de atividades desenvolvidas no ambiente doméstico. Os autores (2004) salientam que o uso dos cômodos tradicionais é feito por uma variedade ampla de tarefas muito diferentes do que os modelos pelos quais eles foram construídos para desempenhar, como – quartos para dormir, cozinha para cozinhar ou banheiro para higiene.

Quartos de dormir cada vez menores abrigam mais e mais equipamentos e itens de mobiliário camas, mesinhas, beliches, armários, mesas de trabalho, *racks* e estantes, além de televisores, aparelhos de som, telefones, eventualmente computadores, talvez conectados à internet –, lista mais ou menos longa segundo o poder aquisitivo e o número dos moradores, confirmando a tendência a uma sobreposição não planejada de funções no espaço doméstico. (TRAMONTANO, 2003, p.13)

⁶ Para Le Corbusier a casa deveria ser bonita e confortável, mas também lógica, funcional e eficiente (uma ‘máquina de morar’), perfeitamente apta para atender às necessidades dos ocupantes.

Não apenas os ambientes construídos, mas também os mobiliários seguem padrões convencionais, o que gera dificuldade da apropriação dos espaços, uma vez que dificilmente suas necessidades são atendidas, devido a necessidade de espaços que possuam uma certa flexibilidade para atender as diversas atividades que são executadas diariamente de formas diferentes por cada um dos moradores da residência. Segundo tramontano e Benevente (2004) o uso de mobiliários monofuncionais, fixa o uso do cômodo, o que dificulta ou impede a realização de atividades diferentes.

Patterson (2009) pondera que é necessário entender as atividades humanas e seus requisitos de projeto para poder desenvolver ambientes que permitam que as atividades dos usuários aconteçam. Costa e Villarouco (2016, p.2) salientam a importância de utilizar abordagens que prevejam as atividades que serão realizadas no espaço para que a concepção do projeto seja compatível com as necessidades dos usuários em termos de saúde, eficácia produtiva, desenvolvimento pessoal.

Ainda Costa e Villarouco (2016, p.7) acredita que “o ponto de partida para todo o projeto deveria ser uma compreensão das atividades e dos indivíduos específicos que irão utilizar o espaço.” É evidente que as atividades no espaço doméstico são diferentes das que eram realizadas quando essa estrutura de habitações domésticas foi concebida, e para que o usuário consiga desempenhar suas atividades é necessário que eles sejam o centro dos projetos.

Os ambientes físicos de habitação são uma tradução física das necessidades humanas de moradia, e junto a essa carência, vem outras como trabalhar, estudar, confraternizar entre outras, portanto ao se projetar um ambiente é preciso identificar as atitudes e suas influencias dentro do ambiente, sendo que as necessidades dos usuários são o ponto central de um projeto de interiores.

12.O impacto da pandemia no bem-estar dentro espaço doméstico

Na última década, era percebido que muitas vezes as pessoas passavam mais tempo fora de casa do que dentro, devido ao trabalho, tempo em transportes e ao lazer, dessa forma as residências acabavam por ser apenas o lugar onde o usuário ia para dormir, porém a chegada da pandemia mudou os hábitos da sociedade em todo mundo, obrigando as pessoas ficarem em casa.

O ambiente familiar foi transformado em estação de trabalho, necessitando de novos mobiliários e mais tempo em frente a tela, aumentando a exposição ao risco ergonômico, gerando novas lesões físicas ou agravamento de quadros já existentes e também sintomas como estresse, fadiga e ansiedade. (FIEC, Federação das indústrias do estado do Ceará, p.4)

O espaço doméstico passou a receber atividades como estudar e trabalhar em casa, e ainda que essas já eram realizadas no espaço residencial, era em menor quantidade e em horários diferentes para a ocupação dos ambientes. No momento atual, toda a família tem que realizar suas atividades externas no espaço doméstico, o que pode ser gerador de conflito, seja pela falta

de mobiliários e equipamentos adequados, como por duas ou mais pessoas ocupando o mesmo espaço para desenvolver atividades diferentes.

Albuquerque e Tróccoli (2004) argumentam que o bem-estar compreende dimensões cognitivas e afetivas, envolvendo emoções negativas, positivas e a qualidade de vida, portanto, ambiente residenciais ergonomicamente inapropriados, conflitos familiares e de atividades tem sido causador de estresse e prejuízo ao bem estar dos usuários.

13.Apropriação das habitações através da individualidade do usuário

A apropriação refere-se ao ato de apropriar-se, de tornar próprio e adequado, sendo este um importante gerador de bem-estar aos moradores de uma habitação. A casa é o ambiente mais privado de um indivíduo, que no âmbito subjetivo é traduzido como lar, lugar onde a personalidade do usuário é transferida de forma material. Para Juhani Pallasmaa (2019), a casa é responsável pelo estabelecimento de padrões e referências de materialidade, sendo assim o desenvolvimento de aspectos subjetivos do indivíduo.

Assim, interessa refletir sobre as transformações do espaço doméstico em meio aos processos de transformação tecnológica que temos vivido nos últimos anos, considerando também as modificações dos usos e das funções dos ambientes da casa, a invenção de hábitos, a transformação dos referenciais estéticos e a consolidação de modos de vida bastante indicativos sobre nossa contemporaneidade. (VITRUVIUS, 2019 p.1)

A casa é um local singular, do convívio familiar e confraternização com os amigos, o espaço de descanso e fuga aos estresses gerados na cidade e na rotina contemporânea tumultuada de obrigações. Portanto, o lar necessariamente precisa ser um espaço onde o usuário se identifica subjetivamente, gerando assim a promoção do bem estar.

Uma das consequências das habitações de interesse social produzidas de forma massificada é a distância com os desejos reais dos usuários. Diante disso Mendonça e Villa (2015 p. 245), afirmam que seja possível a personalização dos espaços de forma facilitada. As autoras (2015, p.246) afirmam ainda que existe uma recriação contínua de expectativas em relação ao morar e de um certo estilo de vida, sendo que nenhuma das soluções oferecidas pelo mercado imobiliário são realmente efetivas em relação a apropriação.

Assim, acredita-se que, sendo a apropriação um dos conceitos capazes de fornecer qualidade ao morar, o design contemporâneo traz possibilidades de equacionar tal problema a partir do momento em que, para a criação ou recriação de singularidades, reconhece as ineficiências do projeto e percebe que ele por si só não é solução eficiente, procurando então resolver a partir de uma "maneira sistêmica do ato de projetar. (MENDONÇA E VILLA, 2015, 246)

Assim sendo, o conceito de apropriação é capaz de intervir nas inadequações geradas por habitações massificadas e distante dos ideais dos

usuários. A partir de intervenções na personalização, em pequenas ou em grandes escalas nos projetos de interiores o morador se identifica mais com o ambiente físico.

Ao elencar os aspectos contribuintes para a apropriação esses vão desde simples inserções de objetos pessoais, simbólicos e decorativos, até modificações no mobiliário, arranjo, na organização formal e distribuição dos cômodos e alterações de fachadas (sacadas) por meio de intervenções de cunho construtivo. (MENDONÇA E VILLA, 2015, p. 255)

Essas alterações ainda que pequenas influem diretamente nas sensações e relacionamento espacial do usuário com o espaço devido a cultura subjetiva tratada por Koury (2010), que se vale das diferenças de cada indivíduo de acordo com as suas vivências, se aliançando em formatos conflituais mais ou menos estáveis. A individualidade tem se tornado cada vez mais complexa, porque embora a cultura objetiva dite os padrões de consumo e idealizações aos indivíduos. No entanto, a quantidade excessiva de informações adquiridas pelos usuários associada as experiências de vida dos mesmos estimulam a criatividade e liberdades que podem ser traduzidas ao espaço de moradia, que dessa forma pode se tornar um lar.

14. Concepção de projeto para uma habitação mínima

A próxima etapa do trabalho foi o desenvolvimento do projeto de interiores de um apartamento, a partir da metodologia de Ching e Binggeli (2013), sendo a primeira fase neste estudo, a definição do problema, solucionar o design de interiores de um apartamento de 55 metros, passando pelas etapas da metodologia até chegar numa proposta aprovada pelos usuários do apartamento.

Primeira etapa	Segunda etapa	Terceira etapa	Quarta etapa
Definição do problema	Programa de necessidades	Conceito do projeto	Avaliação das alternativas
Quinta etapa	Sexta etapa	Sétima etapa	Oitava etapa
Decisão de projeto	Refinamento do projeto	Implementação	Reavaliação do projeto final.

Fases da metodologia desenvolvida por Cing e Binggelli (2013)

Figura 9

Fonte: Elaborado pela autora

Primeira etapa: Definição do problema;

O desenvolvimento do projeto de interiores de um apartamento de 55m², comercializado pela Opção Empreendimentos, localizado na Rua Austin, 277 –

bairro Novo Mundo. Sendo que esse deveria atender as necessidades funcionais e subjetivas dos usuários.

Segunda etapa: Programa de necessidades;

Nessa etapa foi realizada uma reunião com o casal que irá ocupar o apartamento para a coleta do briefing e compreensão das expectativas dos usuários em relação ao apartamento. Após a coleta do Briefing e estudo das informações fornecidas pelos usuários, o programa de necessidades foi desenvolvido, se atentando às principais necessidades apontadas diretamente ou indiretamente pelos clientes.

Terceira etapa: Conceito do projeto;

Para a criação do conceito do projeto foram realizados dois brainstormings, sendo um com a participação do professor orientador deste trabalho e duas colegas da Graduação, Anaisa Santos e Barbara Caetano. Posteriormente, as ideias foram apresentadas ao casal para validação das propostas para a concepção do projeto, em seguida foi realizado outro brainstorming, dessa vez com o casal que apresentou algumas propostas complementando as ideias para o projeto.

No primeiro brainstorming as ideias foram concebidas de acordo com as respostas fornecidas no briefing pelos clientes. Após diversas ideias serem exploradas, elas foram organizadas em grupos, sendo eles os seguintes: Materiais, iluminação, sentimentos, sensações, e estilos de decorações.

No segundo brainstorming, sendo este o realizado com o casal, eles avaliaram todas as propostas elaboradas no primeiro brainstorm, e estes excluíram algumas ideias propostas, principalmente as relacionadas a aromas e vegetação e as principais aceitas por eles foram o uso do amadeirado, ripado, aço, iluminação e espelhos.

Por fim, com as ideias desenvolvidas nos brainstormings e refinadas, e por meio de um moodboard, foram sintetizadas de forma visual as ideias estabelecidas para a composição conceitual do projeto, com objetos, texturas, cores e mobiliários que os usuários se identificaram ou tem o desejo de adquirir.

Quarta etapa: Avaliação de alternativas;

A partir do conceito definido a planta foi desenhada a mão para o estudo de diferentes alternativas de forma mais flexível e que permitisse maior criatividade. Foram geradas 4 propostas de layouts, que posteriormente foram levadas para o AutoCad, onde se verificou que algumas das propostas não seriam funcionais devido as dimensões do apartamento.

Após as propostas de layout serem elaboradas em escala, elas foram apresentadas aos clientes que expuseram suas preferências em cada uma das alternativas fornecidas e também indicaram resistência a algumas propostas, como o uso da mesa redonda que poderia fornecer mais flexibilidade na sala de

jantar. Por fim os pontos negativos, positivos e preferências apresentadas pelo usuário foram avaliadas e então desenvolvido o layout que foi desenvolvido.

Quinta etapa: Decisão de projeto;

Após a definição do conceito e do layout para o apartamento, foram concebidas modelagens 3D para avaliar a qualidade das ideias propostas e aperfeiçoá-las.

Depois da modelagem ser apresentada aos clientes, algumas alterações foram indicadas, principalmente para o escritório, onde os dois usuários não estavam entrando em acordo sobre os mobiliários e o layout que o ambiente deveria ter.

Sexta etapa: Refinamento do projeto;

Nesta etapa foram realizados os desenhos técnicos de plantas e especificações e materiais e detalhes a serem utilizados. A partir da análise técnica foram corrigidas algumas propostas que estavam presentes na modelagem 3D, por questões estéticas ou funcionais.

A planta de iluminação foi a que recebeu mais alterações em relação ao 3D, pois após a elaboração do mesmo percebeu-se que havia uma quantidade muito grande de luminárias em relação ao ambiente da sala e cozinha. Também houve a verificação da necessidade de se manter o guarda-roupas do escritório devido a falta de espaço na suíte para responder a todas as necessidades de armazenamento que os usuários possuíam.

Sétima etapa: Implementação;

Os desenhos executivos foram desenvolvidos, refinando detalhes do projeto para a sua execução. Nesta etapa, foram corrigidos pequenos detalhes que ainda não haviam sido pensados, o planejamento específico de armários e suas divisões internas adequando-os de forma mais precisa possível ao solicitado pelos usuários.

Os desenhos internos dos armários foram apresentados para os clientes para que eles percebessem a capacidade de armazenamento de cada um dos armários e se atendia a sua demanda. Nessa fase foi possível perceber a necessidade do bom planejamento dos espaços internos, uma vez que estes sendo inadequados não irão comportar todos os objetos que os clientes possuem.

Oitava etapa: Reavaliação do projeto final;

Por fim, o projeto foi reapresentado aos usuários para que eles avaliassem e se atendia às suas expectativas, necessidades funcionais, estéticas e simbólicas.

Os clientes ficaram muito empolgados com o projeto, sendo que nenhum dos armários teve alterações em suas distribuições e demandas espaciais e de armazenamento. Os usuários também reconsideraram a possibilidade do uso de

uma mesa redonda, porém ainda não se decidiram. Não houveram alterações no projeto da cozinha, lavanderia, varanda, lavabo e banheiro da suíte. Na sala o casal está considerando testar o uso de outros materiais para o painel de TV, no escritório a troca da cama de solteiro planejada por um sofá cama, e no quarto de casal trocar a cabeceira em MDF grafite intenso por uma cabeceira estofada. Estas ideias não foram apresentadas na entrega devido ao fato de que os usuários ainda não confirmaram se realmente vão querer tais alterações ou se manterão a proposta apresentada.

Posterior a aprovação os clientes indicaram que o projeto de interiores foi solicitado antes mesmo da construção do apartamento para que organizem seu orçamento para a implementação de todo o projeto, ainda que essa se dê de forma gradual.

15.Considerações finais

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho foi possível perceber e compreender como as habitações foram se transformando ao longo dos anos, devido a transformações culturais, regionais e mercadológicas. A partir do estudo da história da casa, entende-se como os modos de morar estão diretamente conectados a concepção de projetos urbanísticos e arquitetônicos, sendo que o bem-estar dos usuários fica em terceiro plano considerando questões espaciais da cidade e economia.

O marketing foi percebido como um dos principais pilares tanto da reprodução dessas habitações quanto da criação de uma idealização em relação ao morar em apartamentos. Essa ferramenta tem a possibilidade de ser utilizada para a conscientização de que esse padrão de moradias deve ser revisto, como também da conscientização da sociedade de como o design de interiores pode fornecer um morar com qualidade ainda que em habitações com inadequações arquitetônicas. Portanto, entende-se que o marketing pode ser utilizado positivamente ou negativamente nos modos de morar da atualidade.

O desenvolvimento do projeto para uma habitação mínima tornou ainda mais evidente a necessidade do projeto de interiores para que essas moradias se tornem adequadas para o morar, permitindo o bem-estar do usuário. Cabe ainda destacar que o apartamento escolhido para o desenvolvimento desse projeto não é o padrão mínimo comercializado no país, sendo possível encontrar moradias que possuem até 23m².

A coleta do briefing foi fundamental para a compreensão de quais serão as atividades desenvolvidas em cada cômodo do apartamento e a composição do projeto foi norteadada de acordo com as necessidades do usuário em cada ambiente, considerando exclusivamente quais seriam as sobreposições de atividades realizadas por eles.

Os usuários participaram ativamente no desenvolvimento do projeto desde o seu início fornecendo todas as informações, arquivos, documentos e

plantas. A coleta do briefing foi fundamental para compreender as necessidades dos usuários e as suas expectativas estéticas e de identificação com a personalidade deles. Os clientes indicaram alterações em materiais e objetos específicos que eles gostariam que estivessem presentes na concepção dos projetos para que fosse possível a identificação e singularidade do projeto do interior do apartamento.

Por fim, esse projeto contribuiu para a experimentação da prática profissional de um design de interiores nesse modelo de habitações, gerando alguns desafios ao se deparar com inúmeras limitações espaciais, uma vez que o projeto tinha o objetivo de ser desenvolvido com o mínimo possível de intervenções arquitetônicas, e limitações por resistência dos clientes que se mostraram resistentes a algumas soluções propostas.

Conclui-se então com esse trabalho que o morar envolve diversas variantes, como funcionais, estéticas e simbólicas. Além disso, também foi possível confirmar a necessidade do designer de interiores se posicionar como solucionador de problemas encontrados no principal modelo de habitações reproduzidas em todo o país, algumas vezes maiores do que a estudada nesse projeto, mas na maioria das vezes ainda menores. Com esse trabalho foi possível perceber que as moradias ofertadas geralmente não atenderão a essas necessidades, considerando isso, o designer tem função social de buscar atender essa demanda, desmistificando ideias de que o design de interiores é um produto para as classes mais abastadas e alcançando a maior parcela possível da população e promovendo o bem estar.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Débora Cristina. VILLA, Simone Barbosa. **Novos formatos familiares em habitações de interesse social: o caso do conjunto habitacional Jardim Sucupira em Uberlândia.** Congresso internacional da Habitação no Espaço Lusófono. São Paulo. 2015.

COSTA, Ana Paula. VILMA, Villarouco. **METODOLOGIA DE CONFIGURAÇÃO DE AMBIENTE CONSTRUÍDO: UM C A MINHO PARA INTE G R A R A ERGONOMIA E A ARQUITETURA.** 1º CONAERG. Congresso Internacional de Ergonomia Aplicada. 2016.

FLORES, L. Z.; MERINO, G. S. A. D. **O usuário no processo de projeto de design de interiores.** In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DO PROJETO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 6., 2019, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: PPGAU/FAUeD/UFU, 2019. p. 1578-1587. DOI <https://doi.org/10.14393/sbqp19142>.

KOURY, Mauro. **ESTILOS DE VIDA E INDIVIDUALIDADE.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 41-53, jan./jun. 2010.

MENDONÇA, Marcelo. **A Inclusão dos “home offices” no setor residencial no município de São Paulo.** 285f. Tese (Doutorado – Area de Concentração: Tecnologia da Arquitetura) – FAUUSP. São Paulo 2010. 3v. : il.

MENDONÇA, R. N. ; VILLA, S. B. . **MODOS DE MORAR: O CONCEITO DE APROPRIAÇÃO COMO QUALIFICADOR DE MORADIAS NO DESIGN CONTEMPORÂNEO.** REVISTA EDUCAÇÃO GRÁFICA , v. 22, p. 242-258, 2018.

OLIVEIRA, A. K. G. . **As diversas formas de morar: uma análise sobre como o avanço tecnológico alterou o espaço doméstico no final do século XX.** In: PLURIS - 7º Congresso Luso-Brasileiro para o Planejamento Urbano, Regional, Integrado e Sustentável, 2016, Maceió. Livro de Resumos - Pluris, contrastes, contradições, complexidades e desafios urbanos no século XXI. Maceió: Viva Editora, 2016. p. 61-61.

PEDROSO, Claudia. **O IMPACTO DA TECNOLOGIA NO AMBIENTE FAMILIAR E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA ESCOLA.** E-FACEQ: Revista dos Discentes da Faculdade Eça de Queirós, ISSN 2238-8605, Ano 6, Número 10, agosto de 2017. <http://www.faceq.edu.br/e-faceq>

ROSSETTI, Eduardo. **Morar brasileiro Impressões e nexos atuais da casa e do espaço doméstico.** 169.01 arquitetura e mídiãano 15, jun. 2014.

SIQUEIRA, Cecília. Filho, Lourival. **As necessidades dos usuários nos espaços residenciais, na percepção de arquitetos e designers de interiores.** Pernambuco. 2015.

TRAMONTANO, M. . **Alice no país da especulação imobiliária: habitação e modos de vida na cidade de São Paulo.** Cidades. Comunidades e Territórios, Lisboa, Portugal, v. 6, p. 75-82, 2003. Disponível em:
<http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria.html> Acessado em: 11/05/2021

TRAMONTANO, M. ; BENEVENTE, V. A. . **Comportamentos & espaços de morar: leituras preliminares das e-pesquisas Nomads.** In: ENTAC'04, 2004, São Paulo. Anais, 2004. 210mmx297mm. 10 p. Disponível em:
<http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria.html> Acessado em: 11/05/2021.

VALÉRY, F. D. . **Da casa de família ao espaço gourmet: reflexões sobre as transformações dos modos de morar em Natal/RN.** Cadernos Ceru (USP) , v. 22, p. 147-174, 2011.

WALL, Marluce. **MODOS DE MORAR NO ESPAÇO URBANO.** São Luís: Eduema, 2019. p. 81 ISBN –978-85-8227-226-8